



## 9º Congresso de Pós-Graduação

# ALGUMAS CONCEPÇÕES DE CIÊNCIA E HISTÓRIA, E SEU PERCURSO NA HISTORIOGRAFIA

### Autor(es)

---

ALLINE CRISTINA BASSO

### Orientador(es)

---

ELIAS BOAVENTURA

### 1. Introdução

---

Durante muito tempo o homem elevou ser olhar para o céu a fim de observá-lo, e de tal observação tirar seus diversos conceitos. Mas essa ‘vista’ utilizada para a contemplação demonstrava que o Mundo que conhecíamos se fechava ao alcance de nossos olhos. Durante séculos o Kósmo foi um porto seguro para teorias criadas pelos homens que giravam em torno de uma Terra imóvel e perfeita, presente em um ‘universo’ limitado e ordenado.

Mas, a partir de um dado momento histórico, quando novas concepções aparecem, se é possível adaptar os conhecidos ochaialli (um tipo de ‘óculos’, inventado por volta do século XII) para com eles anunciar o microscópio e a exploração do mundo infinitamente pequeno; E assim também, com a combinação adequada de espelhos, o telescópio, e a exploração do mundo infinitamente grande.

A concepção racional ganhava contornos centrais no pensamento humano e, surgia a Ciência como conhecimento resultante deste pensar racional. A perspicácia humana de acreditar que seria eficaz ordenar e transformar os elementos do mundo ganhava contornos desde a simples contagem do tempo, que como destaca BURKE (1999), se inicia com a reza em ‘Ave Marias’, até os elementos mais complexos.

### 2. Objetivos

---

Este artigo baseia-se no trabalho apresentado a disciplina Pesquisa e Educação I, tem por objetivo discorrer sobre alguns autores teóricos aqui escolhi: Comte, Marx e Ginzburg. Procurei de forma simples explicitar as principais características de seus pensamentos destacando o papel da Ciência, para tanto optei por relaciona-los ao domínio da História, tornando de interesse articular com o caminho percorrido por estas concepções no que toca à historiografia.

### 3. Desenvolvimento

---

Por volta do século XVIII e XIX é possível identificar um tipo de pensamento, denominado Positivismo. Marca fundamental de sua teoria é que, no estado positivo não se poderia encontrar conhecimento de outro tipo que não fosse o científico. Acreditando na formação do espírito científico, excluía de sua época outros tipos de conhecimento que não fosse o sistematizado por um método científico.

A ciência positiva estaria segundo Comte, ciente da impossibilidade de reconhecer noções absolutas devendo então, se preocupar unicamente com leis efetivas. Não importaria pensar nas causas, pois essas seriam inacessíveis e vazias de sentido. Tudo se reduziria a uma simples questão de Fato.

Para Comte o “pensamento tem que ser inteiramente positivo, dever-se-ia acabar com toda a crítica e negatividade, isto é, com a

dimensão revolucionária desse pensamento” (LÖWY, 2008, P. 42). Em outras palavras, os fenômenos sociais são submetidos a leis naturais invariáveis: por exemplo a lei da distribuição das riquezas e do poder econômico.

Por outro lado, em 1841, Marx passa a sistematizar um modelo próprio de explicação científica para a história humana e a realidade social. Subvertendo a concepção vigente de ciência ele incorpora conceitos inéditos ao debate, introduzindo na investigação científica o materialismo histórico, a análise dialética e a perspectiva social da classe revolucionária.

Sua análise sobre a vida social denominada de materialismo histórico nos faz compreender que: “de acordo com tal concepção, as relações materiais que os homens estabelecem e o modo como produzem seus meios de vida formam a base de todas as relações” (QUINTANEIRO, 2003, p. 31). O que nos leva a concluir que, em princípio, para Marx a realidade social, investigada sob uma perspectiva racional, deveria levar em consideração sua dimensão histórica.

Entende-se que nossa condição de vida não é abstrata é produzida pelos homens a partir do trabalho de transformação da realidade natural. É preciso produzir, por meio do trabalho, condições concretas de vida. Vale destacar que neste ponto, o materialismo histórico está então retirando qualquer tipo de naturalização das diferenças e desigualdades sociais. É, para Marx, a divisão social do trabalho que expressa modos de segmentação da sociedade. Seria ao produzir os meios de vida que o homem produz a si mesmo. São as relações materiais que se desdobra e explicita em outros âmbitos de nossa existência.

Preocupado em sinaliza a inserção do método indiciário, no ensaio “Sinais”, é propósito de Ginzburg mostrar como emergiu de forma silenciosa, no final do XIX, dentro das ciências humanas um modelo epistemológico, ou paradigma, que muito embora ainda operante recebeu pouca atenção, de forma a não ser ainda teorizado procurando por fim dos incômodos causados pela contraposição entre ‘racionalismo’ e ‘irracionalismo’, afinal o método não se baseia em formas tradicionais de produzir ciência.

Para o autor a orientação da ciência galileana colocou as ciências humanas num desagradável dilema: “ou assumir um estatuto científico frágil para chegar a resultados relevantes, ou assumir um estatuto científico forte para chegar a resultados de pouca relevância” (GINZBURG, 2006, p.178). O historiador não se preocupa com séries de fenômenos comparáveis, se comprado ao médico, cabe ao historiador procurar o mal específico de cada doente. Tal comparação seria viável, pois, como o conhecimento médico, o conhecimento histórico é “indireto, indiciário, conjectural” (GINZBURG, 1989, p. 157), razão mostrada pelo texto para que o paradigma indiciário seja operante na história.

Destarte o saber de tipo indiciário, interessado no que é singular fora aplicado em outros âmbitos da sociedade. Para GINZBURG (1989) a aplicabilidade do método se destacou no sistema identificatório e prisional entre os séculos XVII e XVIII, quando o aumento populacional e o “amadurecimento” dos sistemas capitalistas necessitam classificar e ordenar os indivíduos.

Evidente que o pensamento de GINZBURG também é racionalista e dialoga com a ciência. E em mesma medida seu método exige erudição e requinte teórico. Afinal, devemos entender a Firlasa, que é órgão do saber indiciário, por ela pode-se perceber elementos “imponderáveis” como, o faro, o golpe de vista, e intuição. Entretanto, não tem a ver com a ‘intuição supra-sensível dos vários irracionismos’, dessa forma, a Firlasa só atua de forma eficaz na prática do historiador se este contar com muita erudição. Pois entende que “História é algo específico, que implica técnicas específicas – memória pode ser extremamente emocional, mas também baseada em fatos errados, eventos distorcidos” (GINZBURG, 2011, p. 15).

#### 4. Resultado e Discussão

---

Dominando a produção histórica de 1880 a 1945, positivismo deixou no campo da História marcas interessantes, destacamos um grande representante dentro da historiografia alemã, Ranke. Ele considerava que a história era conduzida por idéias e que caberia ao historiador descobrir as forças espirituais de que a história era a realização. Sendo a história oriunda do reino dos espíritos composta por individualidades.

A função do historiador seria recuperar esses eventos, suas interconexões e suas tendências através da documentação e fazer-lhes a narrativa. Vale destacar a importância dada a documentação como característica importante dessa escola histórica, mas estes documentos seriam apenas os escritos e oficiais que fossem parte de eventos políticos. Cabendo apenas ao historiador levantar as fontes que falariam por si, a corrente positivista acaba por incentivar a criação e manutenção de documentos e arquivos. Os fatos falam por si e o que pensam os historiadores é irrelevante. Para obter esse resultado o historiador deve manter-se “isento, imparcial, emocionalmente frio e não se deixar condicionar pelo seu ambiente sócio-político-cultural” (REIS, 1999, p. 13). Afinal a área do historiador era o passado desvinculado do presente. Acreditavam, como já dito, que “ao historiador não competira o trabalho da problematização, da construção de hipóteses, da reabertura do passado e da releitura de seus fatos” (REIS, 1999, p. 22). As coisas falam por si, não sendo necessário interpretá-las.

No campo da História, sem dúvida, o Positivismo marca uma proposta de cientificidade à História. Uma história erudita vista como ciência pura. Nesta época, a História se libertou da literatura. Passou a ser ensinada de forma autônoma nas universidades e se profissionalizou definitivamente.

A partir da separação do homem vivido ao objeto histórico (marca fundamental do Positivismo) REIS (1999) criticamente considera uma forma de evasão do tempo presente enxergando, assim como LÖWY, uma forma de mudança do discurso para o campo conservador e legitimador da ordem estabelecida.

Em um mesmo exercício encontramos as muitas influências que a concepção de Marx legou à História. Um aspecto interessante que a concepção de Marx nos induz a pensar é que a História se torna possível na medida em que o processo ativo da vida seja apresentado, deixando de ser então, uma coleção de ‘fatos mortos’. Mas mantêm a ideia de Hegel e outros pensadores de um sentido da história, comportando uma finalidade para as ações humanas. Uma forte característica é não querer deixar fora de sua jurisdição nenhum campo de análise útil e dinâmica, acreditando que todos os campos do social comportam a realidade humana, baseada na vida concreta material.

Para BOURDÉ (1993), a marca do marxismo já nos anos 1960 e 1970 iriam não se limitar à história econômica. O nível da infraestrutura iria estender-se à história das mentalidades interessada nas “superestruturas”. Como percebemos no texto de G. DUBY (1962) que ao analisar as representações que a idade média formulou sobre o cavaleiro, a mulher e o padre parte de uma síntese sobre a economia rural e a vida no campo para depois abarcar os comportamentos, as sensibilidades, as idéias e seu estudo último sobre o casamento.

Como nos lembra BOURDÉ (1993), Vovelle (historiador articulado com a temática dos Annales) diz muito a respeito, acreditando que as inspirações marxistas abriam temas para elem da história econômica, por acreditar que a história das mentalidades não se opunha à história dita marxista, sendo uma ponta fina para a perspectiva para suas investigações. Acreditava que o materialismo histórico pode perfeitamente integrar as descobertas dos Annales quer se trata da quantificação dos dados da percepção dos fatos no espaço na distinção dos tempos sociais da vontade de atingir a história total.

Por sua vez, Destacando os caminhos divergentes entre a História Serial e a Micro-História, GINZBURG (2007) considera: “que o conhecimento histórico implique a construção de séries documentais, é obvio. Menos óbvia é a atitude que o historiador deve adotar em relação às anomalias que afloram na documentação.” (p. 262). Afinal “todo documento, inclusive o mais anômalo, pode ser inserido numa série. Não só isso: pode servir, se analisado adequadamente, a lançar luz sobre uma série documental mais ampla” (p. 623).

Para a GINZBURG a História Serial estava, ao mesmo tempo que trazia a novidade da temática das classes “inferiores”, a silenciando. O historiador italiano entendia que as produções da História Social defendia a idéia de que a reintegração das classes das classes inferiores na história geral pode ocorrer apenas sob o signo do ‘numero e do anonimato’. Fazendo com que “embora não mais ignoradas, as classes inferiores estariam da mesma forma condenadas a permanecer ‘silenciosas’” (GINZBURG, 2006, p.20). Não estariam estendendo às classes mais baixas o conceito histórico de individuo.

Uma das novidades da análise de GINZBURG é sugerir que, “se a nossa documentação nos oferece a oportunidade de reconstruir não só as massas indistintas como também personalidades individuais, seria absurdo descartar estas últimas” (GINZBURG, 2006, p. 20). Argumentando não querer contrapor as pesquisas, mas procurando demonstrar que: “no que toca as classes subalternas, o rigor demonstrado pelas pesquisas quantitativas não pode deixar de lado (...) o tão deplorado impressionismo das qualitativas” (GINZBURG, 2006, p.21).

Ele considera que temas singulares necessita ao longo do texto de justificativa para sua escolha, diferentemente de temas óbvios para a história. Percebe essa característica como fundamental para uma grande alteração na profissão do historiador. Uma consequência dessa nova prática, seria a possibilidade de ‘internacionalização’ das pesquisas.

Para ele o papel da história seria “a partir de dados negligenciáveis, remontando a uma realidade complexa não experimentável diretamente” (GINZBURG, 2006, p.153) procura divulgar a experiência vivida de personagens anônimos, almejando o papel que entende para a História, esperando que seus leitores reconheçam nos episódios por ele levantados “um fragmento despercebido, todavia extraordinário, da realidade, em parte obliterado, e que coloca implicitamente uma série de indagações para nossa própria cultura e para nós” (GINZBURG, 2006, p.10).

## 5. Considerações Finais

---

A consideração final deste trabalho procura sinalizar a importância de se entender o percurso da historiografia e a prática do ofício do historiador levando-se em conta as discussões e concepções sobre o papel da Ciência demonstrando que esta articulação pode ser interessante para as duas análises.

## Referências Bibliográficas

---

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruma Aranha. Filosofia da Educação. 3 ed. rev. e ampl.- São Paulo: Moderna, 2006.
- BOURDÉ, Guy e MARTIN, Hervé. As Escolas históricas. Euro-América, 1983.
- BURKE, Peter. “Versos de Mundo: alguns traços dominantes” e “O Quadro Social”. IN: O Renascimento italiano – cultura e sociedade na Itália. São Paulo: Nova Alexandria, 1999 pp. 211-271.
- CHAUÍ, Marilena. Convite à filosofia. São Paulo: Ática, 2006.
- COMTE, A. Curso de Filosofia Positiva. In: Os Pensadores. São Paulo: Ed. Abril, 1978.
- GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas e sinais. São Paulo Companhia das Letras, 1989 GINZBURG, Carlo. O Queijo e os Vermes: o

cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GINZBURG, Carlo. O fio e o rastros: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LEONTIEV, Alexis. O Homem e a Cultura. IN: O desenvolvimento do psiquismo. Lisboa: Livros Horizontes, 1978, pp 261-284.

LÖWY, Michael. Positivismo. In: Ideologias e ciência social: elementos para uma leitura marxista. São Paulo: Cortez, 2008.

MARX, K. O Manifesto Comunista. IN: REIS FILHO, D. A. (org). O Manifesto Comunista 150 anos depois. RJ: Contraponto, 1998.

MARX, K; ENGELS, F. A História dos Homens. IN: Fernandes, F. (org) Marx e Engels. São Paulo: Ed. Ática, 1989.

QUINTANEIRO, T. Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. Pp 25-59.

REIS, José Carlos. A História entre a Filosofia e a Ciência. São Paulo: Editora Ática, 1999.